

# Um olhar afetivo para educação: A imanência dos afetos em Espinosa

Mariane da Costa Santos

Como citar: SANTOS, Mariane da Costa. Um olhar afetivo para educação: a imanência dos afetos em Espinosa. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 189-206. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p189-206>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Capítulo 9

### Um olhar *afetivo* para educação: A imanência dos afetos em Espinosa

Mariane da Costa Santos<sup>32</sup>

#### Introdução

O “olhar” que temos sobre a escola/educação, é que ela deve ser uma máquina de produzir e reproduzir conhecimento, tirando provavelmente sua principal função, que é a formação do homem(*paideia*). Com instrumentos e métodos para aprender, com um vasto conteúdo que deve ser apreendido, com exigência quantitativa e não qualitativa, são características de uma *educação conteudista*, com isso os estudantes acabam por recorrer a recursos como, decorar conteúdo para passar na prova. Desse modo, passamos a retirar desse processo as experiências, as singularidades, os afetos que compõem todos que fazem parte de uma comunidade escolar, em especial, o docente e o discente. Isso, geralmente, causa um desinteresse, pois esses indivíduos passam a não se reconhecer dentro do processo educacional.

Portanto, quando falamos em educação não é simplesmente explicar sobre competências e habilidades intelectuais e morais que os

---

<sup>32</sup> Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciência, Unesp. E-mail: marianecosta1001@gmail.com

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p189-206>

alunos devem ter, mas também uma construção de possíveis relações e ligações afetivas que sejam capazes de ampliar as questões que são tratadas dentro das salas de aulas e fora dela. Por exemplo, quando perguntamos a um estudante porque ele escolheu determinado curso ou orientador, grande parte das respostas estão ligadas em relações cognitivas e afetivas. Assim, a ligação mente-corpo, professor-aluno fazem parte do desenvolvimento educacional e autonomia de ambos.

Para o diálogo iremos trazer o filósofo holandês Baruch de Espinosa<sup>332</sup>, que trata de uma teoria dos afetos, como algo que faz parte da natureza humana e, portanto, não negá-la, também como ele pensa sobre a relação corpo e mente, que não são duas coisas separadas, mas que um não existe sem outro e, que não há uma hierarquia da mente sobre corpo e por isso devemos tratá-los como uma única coisa. Com isso, Espinosa nos convida a romper uma tradição filosófica que coloca a mente como superior ao corpo, que reduz o ser à consciência, a razão.

A proposta é pensar em uma imanência dos afetos, como compreensão das atividades desses encontros de corpos com a finalidade de adquirir conhecimento. O corpo no qual estamos nos referidos, é o encontro de professores e alunos que podem afetar e serem afetados quando acontecem essas relações. E assim estimular o aumento da vontade de existir de cada ser, buscando a liberdade e emancipação dos seres humanos. Nesse sentido, ressalta a importância do papel do professor para que essas ações possam ser realizadas e que ele não seja apenas um *mestre explicador*, segundo Jacques Rancière,

---

<sup>33</sup> Seu prenome em português, Bento, é traduzido para o latim por 'Benedictus' e para o hebraico por 'Baruch''' (Rizk, 2006, p.7).

mas que a educação seja um ato de amor e liberdade, segundo Paulo Freire.

Em suma, ato essencial do mestre era *explicar*, destacar os elementos simples dos conhecimentos e harmonizar sua simplicidade de princípio com simplicidade de fato, que caracteriza os espíritos jovens e ignorantes. Ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimento e formar os espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo. (Rancière, 2002. p. 16-17)

Para isso, iremos abordar a concepção dos afetos, a relação corpo-mente e teoria do conhecimento, proposto pelo Espinosa<sup>34</sup>, pensando na educação. Embora o filósofo não tenha colocado uma teoria sobre a educação, a ideia é trazê-lo para pensar conosco essa problemática. Temos objetivo, ressaltar a importância dos afetos, a experimentação entre os corpos para a produção de bons encontros, em vista de propiciar e aprimorar o conhecimento de forma ativa e livre, tendo como base a filosofia e a educação. E ainda discutir os problemas atuais da educação e apresentar uma capacidade libertadora do pensamento para a atividade pedagógica.

---

<sup>34</sup> Baruch de Spinoza nasceu em Amsterdã, na Holanda século XVII, foi educado como judeu e aos 24 anos sofreu excomunhão (Herem), provavelmente por suas ideias filosóficas. Alguns dos seus escritos só foram publicados após sua morte, como o livro A Ética e Tratado Político, por serem considerados perigosos naqueles períodos, onde reinava a religião com o governo teocrático e a monarquia.

## Ética e Educação

Um conceito fundamental para compreendermos a educação brasileira, que é a *hegemonia*, que segundo Gramsci, é um processo que expressa a consciência e os valores organizados praticamente por significados específicos e dominantes, daí já podemos perceber o que é a nossa educação, desde do Brasil Colônia até atualmente, uma relação de dominado e dominante, principalmente por aquelas de classes sociais com um maior poder financeiro, ou seja, poder de uma classe sobre outra.

Desse modo a sociedade civil e a hegemonia nos permitem pensar a educação como instrumento de dominação e reprodução das relações sociais e não de emancipação, pois dentro dessa sociedade existe ideologias, como por exemplo, que a educação apenas representa uma organização econômica que gera lucro, porém a educação é muito mais que isso, ela carrega também uma concepção de mundo. Contudo podemos perceber que ainda hoje a escola também constitui em um instrumento de reprodução e manutenção das relações capitalistas de produção, que contribui ainda mais para o aumento das desigualdades sociais.

Vivemos num mundo dominado por aquilo que a ideologia dominante convencionou designar como ‘progresso tecnológico’. Resultado da exploração física e psíquica de milhares de homens, mulheres e crianças, da domesticação de seus corpos e espíritos por um processo fragmentado desprovido de sentido, da redução de sujeitos à condição de objetos sócio-econômicos, manipuláveis politicamente e pelas estruturas da organização burocrático-administrativa, o ‘progresso’ seqüestra a identidade pessoal, a responsabilidade social, a direção política e

o direito à produção da cultura por todos os não-dominantes (Chauí, 1992, p. 56-57).

No Brasil houve várias "propostas" de educação, no período do Brasil Colônia que traz a educação conjugada com a religião, com o objetivo de catequizar e como sempre no sentido hegemônico. Porém na República com o processo de industrialização, pressionou o ensino no sentido de fortalecer o mercado, com a instrumentalização da educação e mais uma vez com o objetivo do lucro e com o fornecimento de mão-de-obra barata. Foi também implementado pelo regime militar que veio para atender aos interesses do capital, agora estrangeiro, com o liberalismo e podemos observar mais uma vez a relação entre dominante e dominado.

Essa educação é voltada para o "treinamento" de pessoas para o mercado de trabalho. Esse tipo de seguimento leva os homens a uma doutrinação e aprisionamento do pensamento, pois as exigências pelas boas notas e quantidade de conteúdos, acabam se tornando uma máquina de acúmulo de conteúdos, sem espaço para refletir sobre aquilo que está sendo "ensinado" e sem espaço para a singularidade, a subjetividade de cada pessoa dentro o processo educacional.

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, e negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: um mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo. (Freire, 2020, p. 51)

Uma outra característica é a opressão e a negação dos afetos e a separação entre corpo e a mente, como se um pudesse conhecer sem

o outro. Desse modo, não podemos negar os afetos e nem as ações humanas, pois eles fazem parte de nós enquanto corpos que são afetados e afetam outros corpos. Os afetos são a potência de um corpo. Este corpo pode diminuir ou aumentar a sua potência e por sua vez esses afetos estão diretamente ligados ao corpo e mente, pois segundo Espinosa, eles não se separam: são um só, um completa o outro.

No capítulo três da *Ética*, Espinosa nos explica a teoria dos afetos, que tem um papel fundamental na sua filosofia e logo no prefácio denuncia “os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela (...) Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções.”(2019, p. 96). A vista disso, compreende que as percepções dos homens sobre o mundo são singulares.

“Por coisas singulares compreendo aquelas coisas que são finitas e que têm uma existência determinada. E se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de maneira tal que sejam todos, um conjunto a causa de um único efeito, considero-os todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular”. (Espinosa, 2019, p. 52).

Cada indivíduo tem uma ideia singular sobre o que está em nossa volta, e é essa subjetividade que diferencia um sujeito do outro. Mas como nenhum ser está sozinho, eles passam a ser afetados e a afetar outros corpos. Cada corpo é afetado de múltiplas e singulares formas. “Por corpo com modo que exprime, de uma maneira definida

e determinante, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa externa. (Espinosa, 2019, p.51).

Quando pensamos o que é uma sala de aula, podemos pressupor que um lugar onde corpos que estão em constante contato uns com outros, ou seja, estavam afetando e sendo afetados. Por exemplo, a relação entre o professor, os alunos e todos que compõem esse ambiente escolar, existe uma “troca de conhecimento” (ainda que isso aconteça de forma hierárquica), de mentes e comunicação corpóreas entre ambos.

Não podemos negar os afetos e nem as ações humanas, pois eles fazem parte de nós enquanto corpos que são afetados e afetam outros corpos. Os afetos são a potência de um corpo. Segundo Espinosa, “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor”. (Espinosa, 2019, p. 99). Essa potência Espinosa chama-se de *Conatus*<sup>8</sup> e, dependendo dos afetos que irão nos afetar, essa potência – esse “esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência” (Espinosa, 2019, p. 105) - pode diminuir ou aumentar. De acordo com Marilena Chauí,

O aumento da potência do *conatus* é experimentado afetivamente como alegria; sua diminuição como tristeza. Ao definir o desejo como afeto determinado por uma afecção, Espinosa o define como determinado pela alegria ou pela tristeza, de sorte que o *conatus* deseja possuir e conservar tudo quanto lhe propicie alegria de afastar e excluir tudo quanto lhe traga tristeza. Enquanto paixão, o desejo alegre é desejo de posse das coisas e humanos, sentidos como causa da alegria; e o desejo triste é o desejo de destruição de coisas e humanos, sentidos como causa de tristeza. Assim, amor e ódio, esperança e medo, benevolência

e crueldade, mansidão e cólera, de misericórdia e vingança, soberba e humildade, glória e inveja habitam natural e necessariamente todos os humanos. (Chauí, 2003, p.177).

Assim, existem os afetos primários, dos quais irão derivar todos as outras paixões, que são: a alegria, a tristeza e o desejo<sup>35</sup>, que pertencem à própria natureza humana e que pela mente afirmam a força de existir (seja de forma mais ou menos potencializada, pois quando somos afetado por um afeto ruim, como o medo e ódio, nossa potência diminui e quando somos afetados pelo bons afetos, como o amor e esperança, nossa potência aumenta) do corpo humano e que são os afetos secundários que derivam dos afetos primários.

Dessa maneira, os afetos estão em uma constante variação e que vai determinar nossa potência. Se formos afetados por uma perfeição maior (alegria), nossa potência de existir aumenta e se for por uma perfeição menor (tristeza), nossa potência diminui e interfere diretamente na potência de agir do corpo. Espinosa, ainda classifica os afetos como passivos e ativos. A paixão é um afeto passivo, embora ela possa causar alegria, entretanto quando mais crescem, mais as pessoas se deixam dominar por elas e se tornam ignorantes das causas das coisas, como por exemplo, a paixão pela fortuna. A fortuna não é algo constante, ela é volátil, por isso o homem fica cativo do processo de perda dessa fortuna. Se o indivíduo começar a perder os bens, sua alegria se transformará em tristeza e, o medo em esperança de recuperá-la. Quando o homem começa a perder as riquezas, por soberba passam a pedir conselhos para outros homens a fim de recuperar os bens pedidos e conforme esse medo vai aumentando e

---

<sup>35</sup> “O desejo é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça por preservar em seu ser”. (Espinosa, 2019, ...)

transformando em pânico, ele passa a recorrer a oráculos, a deuses, e que é segundo Espinosa como nasce a superstição.

Pensamos assim, fica ainda mais nítido quando falamos sobre as relações educacionais. Se partimos do pressuposto de que uma aula consiste em o professor explicar vários conteúdos e os estudantes não são afetados por eles, pois não fazem parte das suas vivências, passam a não se reconhecer dentro do processo educacional. Não existe uma mudança da passividade para atividade dos afetos, pois a mente não é estimulada, não se produz bons encontros, porque não existe estímulo ao conhecimento, ele já está ali pronto. Assim, o corpo e a mente diminuem a capacidade de agir de um indivíduo e que afeta os outros indivíduos e por muitas vezes ficamos apenas no nível da erudição, com o acúmulo de conhecimento e não chegamos ao processo do conhecimento mesmo, usado a filosofia, conhecemos sobre a filosofia, mas não a própria filosofia, que chamaremos do filosofar. Assim, para Chauí,

A razão ensina que o conatus da mente humana é o desejo de conhecer e que sua força aumenta quando passa do conhecimento imaginativo – ou de um sistema de crenças e preconceitos sem fundamento na realidade – ao conhecimento racional das leis da Natureza e ao conhecimento reflexivo de si mesma e de seu corpo como partes da natureza. (2003, p. 160).

A dualidade corpo-mente é uma discussão que percorre toda a história da filosofia. Na modernidade, por exemplo, René Descarte faz a separação entre o corpo e mente, no que privilegia a mente sobre

o corpo<sup>36</sup>. Para Espinosa, tudo que existe é substância (Deus): “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concedido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”. (Espinosa, 2019, p. 13).

O homem é um atributo finito da substância, que é constituída de mente e corpo, ou seja, são única e a mesma coisa.

Apesar disso, Espinosa diz que “[...]não podemos conhecer a existência de Deus por si mesma[...]” (Espinosa, 2019, p. 141), porque nós não podemos conhecer Deus na sua essência, pois por mais que a nossa razão conheça as causas das coisas, como as causas das tragédias naturais, à medida que nossa mente é limitada e não conseguimos abarcar conceitos como eternidade e infinito. De todo modo, a razão não será capaz de abarcar as percepções das causalidades, da possibilidade de tais acontecimentos, pois essas percepções se dão através do pensamento humano, que por sua vez é limitado. Segundo o filósofo, o que conhecemos mesmo são os atributos<sup>37</sup> e modos<sup>38</sup> da Substância divina. Os atributos são divididos em Infinitos e Finitos.

Infinito é tudo que compõe a Substância, que é eterno, ilimitado. Essa discussão irá nos levar à compreensão daquilo que Espinosa compreende por Natureza Naturante: “[...]o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita[..]”.

---

<sup>36</sup>Não iremos nos aprofundar sobre esse assunto. Sobre esse assunto indicamos o texto: DESCARTES, René. *Discurso do método*: as paixões da alma, meditações. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (coleção Os Pensadores).

<sup>37</sup>“Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”. (Espinosa, 2019, p. 13).

<sup>38</sup> “Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”. (ibidem).

(Espinosa, 2019, p. 35). “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. (Espinosa, 2019, p. 13).

Finito são as coisas limitadas, que são os atributos da extensão e do pensamento (corpóreo). Este conceito leva-nos àquilo que Espinosa compreende por Natureza Naturada: “[..] compreendendo tudo o que se segue da necessidade da natureza de deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus[.]”.(Espinosa, 2019, p. 35) “A substância corpórea é composta de corpos, ou seja, de pares, do que afirmar que o corpo se compõe de superfícies, a superfícies, de linhas e linhas, enfim, de pontos”. (Espinosa,2019, p. 25).

Por exemplo, o corpo começa a existir em razão de outro corpo e passa a não existir dependendo do outro corpo. Por isso que ele é finito, pois sempre percebemos um outro corpo maior. O atributo do pensamento também é limitado, pois quando começamos a pensar algo, ele passa a existir enquanto pensamento. Quando pensamos sobre outra coisa, aquele pensamento que foi pensado primeiro passa a não mais existir, porque não podemos pensar sobre duas coisas ao mesmo tempo, ou seja, um pensamento limita o outro. Assim:

Diz-se finita em seu gênero aquela coisa que pode ser limitada por outra da mesma natureza. Por exemplo, diz-se que um corpo é finito porque sempre concebemos um outro maior. Da mesma maneira, um pensamento é limitado por outro pensamento, mas um corpo não é limitado por um pensamento, nem um pensamento por um corpo. (Espinosa, 2019, p. 13).

Os modos da substância seriam o modo de ser das coisas: aquilo que precisa de outro corpo para existir. Por exemplo, o homem é um modo de Deus, pois precisa de Deus para existir. Dessa maneira, podemos dizer que existe a essência de Deus no homem, mas não existe a essência do homem em Deus, mas Deus não precisa de outra coisa para existir; ele é a causa e o fim em si mesmo, como vimos anteriormente. Assim a ideia tradicional de Deus é então colocada em questão.

Com isso não podemos conhecer a essência de Deus, pois o nosso intelecto não é capaz de abarcar os atributos infinitos da ideia de Deus, como a ideia de eternidade e finitude. O que conhecemos são as modificações (particulares) da existência dos atributos finitos de Deus, como o pensamento e os corpos, pois “As coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada[.]”. (Espinosa, 2019, p. 33).

Assim, tanto o corpo pode ser afetado por outros corpos, quanto a mente poderá ser afetada por outros modos de pensar. A capacidade de construção da mente acontece a partir do corpo quando entra em contato com o ambiente, que produz as ideias e conseqüentemente o conhecimento, isso só acontece a partir do encontro entre corpos. Contudo, podemos dizer que o pensar seria modificações sobre as coisas do mundo, não apenas como representação, mas com a experiência do experimentar do próprio mundo. Muito mais do que apenas uma aula expositiva de conteúdos, como representação, não seria possível pensar em aulas que os alunos pudessem experimentar, vivenciar e partilhar suas experiências pessoais e trazer a realidade dos mesmos para dentro dos muros escolares?

[...] o homem livre procura unir-se aos outros homens pela amizade (pela prop. 37), e não pela retribuição de favores que eles, segundo seu afeto, julgam equivalentes, e tenta, em vez disso, conduzir a si próprio e aos demais pelo livre juízo da razão e a fazer apenas aquilo que sabe ser primordial. Logo, o homem Livre, para não ser odiado pelos ignorantes [supersticiosos], e para não curvar-se aos seus apetites, mas obedecer apenas à razão, se esforçará, tanto quanto puder, por evitar os seus favores (Espinosa, 2019, p. 201).

Quando esses homens são tomados pela ignorância e não sabem a causa das coisas, passam a criar conceitos que sejam úteis a eles e assim passam a seguir a superstição, por exemplo, como uma forma de justificar acontecimentos naturais. Segundo Lívio Teixeira, para chegarmos à liberdade de pensamento e nos livrarmos da superstição é necessário conhecer quais são os modos de percepção, como se organizam as ideias, a imaginação e as abstrações na nossa mente:

E do estudo dessa aplicação o que resulta do ponto de vista da teoria do conhecimento é sempre isto: a necessidade de superar as abstrações, perigo sempre presente à mente humana, pois os *dados* iniciais de nossa experiência, ou, para usar a linguagem de Espinosa, a ideia do corpo constitui *naturalmente* a nossa alma, são fácil e naturalmente erigidos pela imaginação em realidade em si, realidades substanciais, o que é a origem dos erros de todas as filosofias que não a dele mesmo, Espinosa, ou, se quisermos precisar, daqueles filosofias que ele tem em mente combater: a escolástica medieval e o cartesianismo (2001, p. 156).

De acordo com Espinosa, existem quatro modos de percepção ou teorias do conhecimento. O primeiro: a do ouvir dizer, o senso comum. O segundo: o da experiência, o empirismo. O terceiro: é o

modo dos matemáticos, o racionalismo. O quarto: como uma visão, a intuição. A pretensão de Espinosa é separar as percepções das ideias verdadeiras, pois essa ideia é o que compreende um conceito na mente, como forma de pensamento, e esse pensamento deve estar livre das abstrações e imaginações falsas.

O filósofo mostra sinais do que seria essa discussão, no texto *Tratado da Emenda do Intelecto* de 1661, que busca determinar qual o gênero do conhecimento nos é necessário, ou qual o melhor método para conhecer a verdade, e não podemos chegar na verdade se não conseguimos chegar na origem, ou seja, conhecer a Substância e só então nos livrarmos também de todas as superstições. Mas, como para Espinosa, os homens não nascem racionais e sim submersos na imaginação, são guiados por apetites de buscar aquilo que seja mais útil, por sinais que são experimentados de maneira rasa ou apenas imaginativos. Essas percepções são, portanto, ideias falsas, pois “a falsidade consiste apenas na privação de conhecimento que as ideias inadequadas envolvem” (Espinosa, 2019, p. 159).

O que destacamos na teoria de conhecimento de Espinosa, é que existem graus para chegar ao conhecimento verdadeiro. Muitos dos homens ficam no primeiro modo, a ouvir dizer “isto é, da linguagem, da tradição, do ensino, ou por meio de um sinal convencional arbitrário. Exemplos: ‘o dia do meu aniversário; que tive pais e outras semelhantes, das quais nunca duvidei.” (Teixeira, 2021, p. 26). Quando conseguimos ultrapassar esse modo, vamos para o segundo, a experiência, “Há outras idéias que nos vêm de uma *experiência vaga*. Assim a idéia de que morreremos um dia, que o óleo alimenta a chama e a água a extingue; ou que o cão é um animal que ladra, o homem um animal racional”. (Teixeira, 2021, p. 27).

O terceiro modo é a razão, que segundo Espinosa, é produto de um raciocínio, ou seja, houve um pensamento que se dá de modo dedutivo,

Assim, quando para qualquer coisa que consideremos como efeito, deduzimos a existência de determinada causa; por exemplo, do fato de sentirmos um determinado corpo, o nosso, de modo particular, concluímos a união da alma e do corpo, sem que contudo tenhamos em nossa mente nenhuma idéia clara dessa união, uma vez que desconhecemos, por ora, qual a essência do corpo e qual a essência da alma. (Teixeira, 2021, p. 27).

E por último, o modo intuitivo, que é perceber as coisas em sua essência ou pela causa mais próxima. A grande diferença entre o terceiro e o quarto é como eles se dão, o primeiro pela dedução e, portanto, abstrato e o quarto opera por dado, pelo concreto. Colocamos como exemplo a disciplina de filosofia, nas aulas percebemos que a discussão parte de uma abstração, que são os conceitos, para o concreto que seria a realidade, partimos de um pensamento abstrato dedutivo, para um pensamento concreto intuitivo; Em outras palavras, pressupõe-se primeiro aprendemos história da filosofia para aprendemos filosofar, o problema que não saímos daquilo que já está dado, deduzido, e o filosofar acontece com um efeito colateral e não como princípio.

### **Conclusão**

Assim, a filosofia de Espinosa tem como meta levar o homem à liberdade de pensamento. O conhecimento cria maneiras para que os indivíduos possam se libertar das ideias inadequadas e dos afetos

passivos. A proposta não é forçar o filósofo a pensar sobre a educação, mas mostrar que não podemos negar os afetos nos processos educacionais, abandonam-se os corpos, as singularidades e viramos apenas números na chamada da escola e que pensamos junto com Espinosa os problemas da educação, já que a relação afetiva e o conhecimento ocupam lugar importante na sua filosofia.

Pensar a sala de aula como um lugar de encontro, é colocar a possibilidade de nos reconhecemos nos outros, de aprendemos em conjunto. Uma vez que para acontecer o interesse pelo estudo, somos instigados a fazer, seja pela curiosidade, pela “paixão” à uma professora(o), por um livro ou disciplina. A vontade de aprender, de estudar se dá primeiramente no corpo, naquilo que nos incomoda, que nos roe a pele e não na mente. O aprender, não acontece da boa vontade, depende de como nós somos afetados por um determinado problema, pensando nos conceitos de Espinosa. A escola poderá ser vista, não apenas como máquina de produzir conhecimento, mas como um ambiente que produz interações entre professores e alunos, com a produção de um ensino ativo, potencializando o ser de cada indivíduo, promovendo encontros bons e alegres, tornando a educação como instrumento de emancipação e de autonomia.

## **Referências**

CHAUÍ, Marilena. **Política em Spinoza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador**. In: BRANDÃO, C. At all. O educador hoje. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal. 1992. p. 51-70.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: Nova Civiltà ou domínio ideológico? **História e Perspectivas**, Uberlândia, p. 5-43, 1991.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado**: de Deus, do homem e do seu bem-estar. Tradução: Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso; Luís César Guimarães Oliva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ESPINOSA, Baruch de. **Obra completa II**: correspondências completas e vida. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

ESPINOSA, Baruch de. **Obra completa III**: tratado teológico político. São Paulo: Perspectiva, 2014b.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado da Emenda do intelecto**. Tradução: Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Unicamp, 2015.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado político**. Tradução: Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado da Emenda do intelecto**. Tradução: Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Unicamp, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Lívio. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: Unesp, 2001.